

AS

ANÔNIMAS

PARA TODAS AS GAROTAS DO MUNDO

AMY REED

"UM RETRATO PROFUNDO E LITERÁRIO DA SEXUALIDADE FEMININA
EM UMA CULTURA QUE MUITAS VEZES A REJEITA." ★ BOOKLIST



Diretora
Rosely Boschini
Gerente Editorial
Carolina Rocha
Assistente Editorial
Franciane Batagin Ribeiro
Controle de Produção
Fábio Esteves
**Projeto gráfico, diagramação e
adaptação de capa**
Luyse Costa
Preparação
Thais Rimkus
Revisão
Olívia Tavares
Desenvolvimento de eBook
Loope Editora
www.loope.com.br

Única é um selo da Editora Gente.

Copyright © 2017 by Amy Reed
Título original: *The nowhere girls*
Todos os direitos desta edição são
reservados à Editora Gente.
Rua Wisard, 305, sala 53
São Paulo, SP – CEP 05434-080
Telefone: (11) 3670-2500
Site: www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catálogo na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Reed, Amy

As anônimas: para todas as garotas do mundo / Amy Reed; tradução
de Amanda Moura. - São Paulo: Editora Gente, 2019.

ISBN 9788594900494

Título original: *The Nowhere Girls*

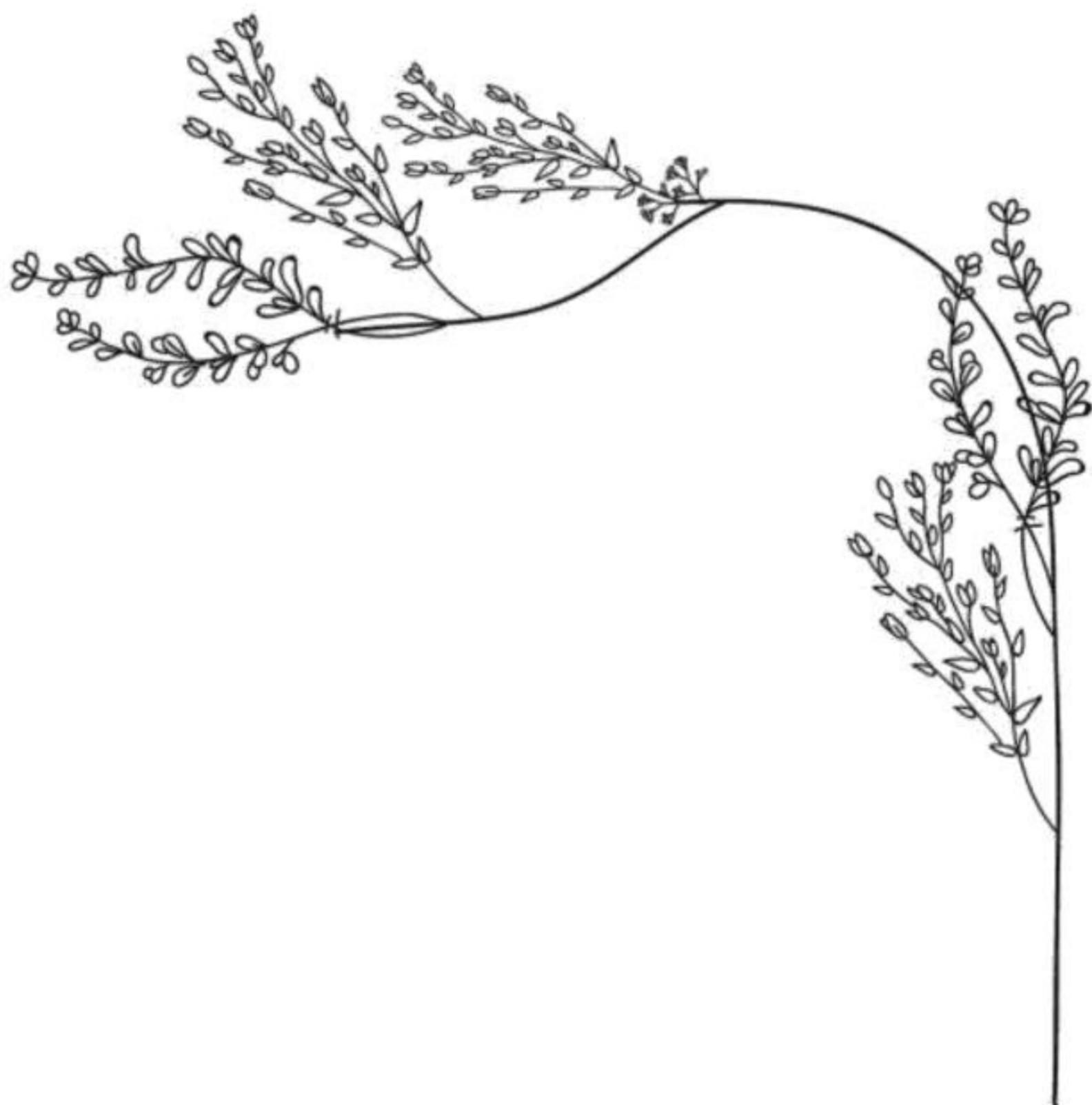
1. Ficção norte-americana I. Título II. Moura, Amanda

19-1113

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, como sempre, agradeço à minha incansável líder de torcida e agente, Amy Tipton.

À minha editora da Simon Pulse, Liesa Abrams. Você é a alma gêmea deste livro. Que sorte a minha. Seu carinho e dedicação com este projeto são infindáveis. Obrigada por acreditar em Grace, Rosina e Erin. E em mim.

A todos da Simon Pulse e da Simons & Schuster que trabalharam muito além de suas funções para defender e cuidar deste livro. Sei que pude contar com um exército

inteiro que deu o sangue pelas Anônimas, e, mesmo não sabendo o nome de todos, sou grata a cada um de vocês.

À minha agente literária de direitos autorais estrangeiros, Taryn Fagerness, por fazer as minhas garotas atravessarem oceanos.

Ao programa de residência do Weymouth Center for the Arts & Humanities, por me ceder um espaço tão bonito para terminar o primeiro rascunho do livro.

A Trudy Hale do retiro de escritores The Porches, em Virgínia, por ser a minha casa “estrangeira” e pelo silêncio.

À minha comunidade em Asheville, Carolina do Norte, pelas inspirações de resistência presentes neste livro. Talvez os leitores tenham lido sobre o que aconteceu em setembro de 2015, quando foi descoberto que os proprietários da Waking Life, uma das cafeterias da vizinhança, estavam por trás de uma série de podcasts e publicações na internet misóginos, que incluía uma lista vexatória com “troféus sexuais”, envolvendo moradoras da região – esse episódio inspirou a criação do blog *Os pegadores de Prescott* nesta história. Os moradores da cidade reagiram imediatamente, boicotando a cafeteria deixando clara a mensagem de que o sexismo e o abuso de mulheres em nossa comunidade não seriam tolerados. Empresas locais pararam de fornecer produtos a eles. Homens e mulheres uniram forças para protestar. Em poucas semanas, os proprietários deixaram a cidade, execrados. Asheville deixou nítido que vai defender as mulheres, que lutará contra a misoginia e o sexismo. Tenho muito orgulho da minha cidade montanhosa.

À Angélica Wind, diretora-executiva do Our VOICE, por ter lido meu rascunho inicial e pelo trabalho incansável que vem fazendo ao ajudar sobreviventes de violência e de abuso sexual na Carolina do Norte.

Gratidão imensa aos meus leitores “cobaias” e sensíveis: Emily Cashwell, Jennie Eagle, Kimberly Egget,

Stefanie Kalem, Alison Knowles, Constance Lombardo, Natalie Ortega, Meagan Rivera, Michelle Santamaria, Kaylee Spencer, Nana Twumasi e Victoria Vertner. Um agradecimento especial a Stephanie Kuehnert, pela ajuda com o enredo. Todos vocês lançaram chamas que ajudaram a acender o fogo desta história.

À Lyn Miller-Lachmann, por seu maravilhoso livro, *Rogue*, e por me mostrar a direção certa. Por me ajudar a mergulhar no mundo do autismo e a escrever sobre como vivem os autistas, agradeço a: wrongplanet.net; a L. C. Mawson (lcmawson.com); ao blog de Tania Marshall's (taniaannmarshall.wordpress.com); aos blogs de Samantha Craft (everydayaspergers.com e everydayaspie.wordpress.com); e ao disabilityinkidlit.com, especialmente às postagens de Corinne Duyvis e Elizabeth Bartmess.

Minha mais profunda gratidão à Jen Wilde e Meredith McGhan, pela imensa generosidade com que me atenderam, por compartilharem suas experiências e pelo feedback honesto (e, às vezes, difícil de ouvir). Graças a vocês, pude me tornar uma escritora e uma pessoa melhor. Todos os acertos em relação à Erin se devem à ajuda dessas mulheres brilhantes e fortes; todos os erros é culpa tão somente minha.

Obrigada, Brian, por ser o meu lar. E obrigada, Elouise, por ser a minha esperança. Você é a minha luz na escuridão.

Sempre, mais do que tudo, agradeço aos meus leitores e leitoras espalhados por todos os lugares do mundo, que continuam a me inspirar com sua coragem e compaixão. Continuem resistindo. Continuem fiéis à verdade em que acreditam. O mundo precisa das vozes de vocês. Agora, mais do que nunca.





SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória e Epígrafe

Agradecimentos

Estados Unidos

Grace

Rosina

Erin

Grace

Nós

Grace

Rosina

Lucy

Erin

Nós

Grace

Erin

Rosina

Grace

Nós

Grace
Nós
Nós
Rosina
Erin
Nós
Rosina
Nós
Nós
Grace
Erin
Nós
Grace
Nós
Grace
Rosina
Grace
Nós
Erin
Nós
Rosina
Nós
Erin
Rosina
Erin
Rosina
Amber
Grace
Erin

Rosina

Nós

Cheyenne

Lucy

Referências

Referências nacionais



ESTADOS UNIDOS

Prescott, Oregon.

População: 17.549 habitantes. Altitude: 176 metros.

Trinta e dois quilômetros a leste de Eugene e da Universidade de Oregon. Duzentos e nove quilômetros a sudeste de Portland. Metade agrícola e metade suburbana. Local de origem do time Spartans (*Go, Spartans!*).

Lar de tantas garotas. Lar de tantas jovens a um passo de se tornarem mulheres, aguardando, em busca de um lugar próprio.

A porta do caminhão se abre pela primeira vez desde que o veículo saiu de Adeline, Kentucky, deixando para trás o ar fétido da cidadezinha do sul, lar de Grace Salter enquanto sua mãe ainda era pastora da Igreja Batista – aliás, tecnicamente, ela não era considerada pastora de fato, porque, como mulher pertencente à Igreja Batista do Sul, não podia reivindicar o título oficial, tampouco o salário (muito maior) de um pastor, mesmo tendo doutorado em ministério e exercendo a função havia mais de uma década. Tudo na vida de Grace mudou quando sua mãe sofreu um choque e vivenciou uma experiência espiritual que, de acordo com relatos da própria mãe, libertou sua mente e a ajudou a escutar a verdadeira voz do Senhor; já na versão

de Grace o evento só serviu para tirá-las de Adeline e arruinar a vida delas.

Sofás, camas e armários foram amontoados na casa nova. A mãe de Grace começa a desembalar os utensílios de cozinha. O pai procura o telefone de alguma pizzaria. Grace sobe os degraus íngremes e rangentes e segue para o quarto – até então desconhecido –, um cômodo que os pais só viram pelas fotos que o corretor de imóveis havia enviado e que Grace só sabe que pertence a ela por causa da parede pintada de amarelo e com adesivo de uma flor roxa.

A garota se senta no colchão de cama de solteiro manchado, no qual dorme desde os três anos, e tudo o que quer é se apinhar ali e cair no sono; no entanto, não faz ideia de onde estão os lençóis. Depois de viajar por cinco dias de carro, comendo *fast-food* e dividindo quartos em hotéis de beira de estrada com os pais, sua vontade é fechar a porta daquele cômodo e não sair de lá tão cedo – ou seja, é óbvio que sentar-se em uma caixa de papelão enquanto engole um pedaço de pizza enrolado em uma folha de papel toalha não é o que ela mais quer agora.

Grace se deita na cama e encara o teto. Analisa um cantinho já prejudicado pela umidade. É começo de setembro, tecnicamente ainda é verão, mas estamos falando de Oregon, um lugar famoso pelo clima úmido em todos os meses do ano – informação que ela obteve depois de infinitas e frustrantes pesquisas que fez na internet sobre a cidade. Será melhor procurar logo um balde para dar conta da goteira que vai começar a qualquer momento? “Sempre alerta”, não é esse o lema dos escoteiros? Vai saber. Grace nunca foi *escoteiro*, e sim *escoteira*. A tropa dela aprendeu a fazer outro tipo de coisa: tricô e marzipã.

Grace mira a janela, mas seu olhar fixa a tinta branca descascada do batente. Palavras entalhadas, como se tivessem sido escritas por um prisioneiro, através de

camadas de tintas amarela, azul, branca; letras frescas cravadas em décadas de pintura:

*Pode me matar agora.
Já morri mesmo.*

Com um nó na garganta, Grace observa as palavras e lê a dor de um estranho que deve ter vivido, respirado e dormido naquele quarto. Será que a cama dele ou dela ficava ali, naquele mesmo canto? E será que a marca do corpo dessa pessoa ficou no mesmo lugar em que Grace está deitada?

Quão íntimas soam essas palavrinhas. E quão solitária a pessoa deve se sentir para chorar por alguém que nem mesmo podia ver.

Do outro lado da cidade, Erin DeLillo assiste ao décimo primeiro episódio da quinta temporada de *Jornada nas estrelas: a nova geração*, cujo título é *Hero Worship*. Na história, um menino órfão e traumatizado se apega ao tenente-comandante Data, que é um androide. O menino admira a inteligência e a velocidade de Data, mas talvez admire ainda mais a dificuldade que o comandante tem de sentir emoções humanas. Se fosse um androide, ele não se sentiria tão triste e sozinho. Se fosse um androide, não se sentiria responsável pelo naufrágio da nave e pela consequente morte de seus pais.

Data é um androide que deseja ser humano – ele observa os humanos. Assim como Data, Erin também se sente intrigada pelo comportamento humano.

Ao contrário de Data, porém, Erin é totalmente capaz de sentir. Ela sente demais. Vive com os nervos à flor da

pele, e o mundo está sempre lhe provocando.

Sua mãe diz algo como “que dia lindo! Você deveria sair e aproveitar!”, com toda a empolgação do mundo, mas Erin tem a pele muito clara, quase tanto quanto a de Data, e acaba se queimando de sol com muita facilidade. Ela não gosta de sentir calor e de suar, tampouco gosta de qualquer outro desconforto que a faça se lembrar de que mora ali, em um corpo imperfeito, e é por isso que toma pelo menos dois banhos de imersão por dia (chuveiro jamais, a ducha machuca a sua pele). A mãe de Erin sabe de tudo isso, mas segue dizendo coisas que mães normais, de filhos normais, deveriam dizer, como se Erin pudesse agir como uma criança “normal”, como se normal fosse algo que ela almejasse ser. O que Erin quer, contudo, é ser como Data.

Se morassem perto do mar, talvez Erin não relutasse tanto em sair de casa. Até faria o sacrifício de sujeitar a própria pele à viscosidade do protetor solar, caso isso assegurasse que ela passaria o dia revirando pedras e catalogando descobertas, principalmente sobre invertebrados, como moluscos, cnidários e poliquetas, que, na sua opinião, são criaturas extremamente subestimadas. Na casa em que morava, perto de Alki Beach, em West Seattle, ela podia sair pela porta da frente e passar o dia inteiro procurando diferentes formas de vida. Isso, porém, ficou no passado, quando sua família ainda morava em Seattle, antes dos acontecimentos que levaram Erin a decidir que tentar ser “normal” geraria mais problemas que soluções – decisão que a mãe dela ainda se recusa a aceitar.

O problema dos humanos é que eles são apaixonados por si mesmos e pelos mamíferos em geral. Como se um cérebro grande e a gestação fossem necessariamente indícios de superioridade, como se o mundo sob pelos e dependente de ar fosse o único que importasse. Existe todo um universo subaquático a ser explorado. Há engenheiros

desenvolvendo embarcações capazes de viajar quilômetros submersas. Um dia, Erin planeja projetar e comandar uma dessas, com uma tripulação de doutores em biologia marinha e engenharia. Quer encontrar criaturas nunca antes vistas, catalogá-las e nomeá-las, ajudar a contar a origem de cada ser e onde ele se encaixa na cadeia perfeitamente orquestrada da vida.

Erin é, sem exagero, uma nerd da ciência. E esse é um dos estereótipos de portadores da síndrome de Asperger, junto a tantas outras características, como a dificuldade de expressar emoção, o constrangimento social e o comportamento às vezes considerado inadequado. Ainda assim, o que se espera de Erin? Tudo isso faz parte de quem ela é. O problema é rotular as pessoas.

E, se tem uma coisa de que Erin tem certeza, é de que não importa o que você faça, as pessoas sempre vão encontrar um modo de enquadrar os outros. Somos programados para isso. Nosso algoritmo comum é a preguiça. Rotulamos as coisas porque, assim, elas se tornam mais fáceis de entender.

É isso que torna a ciência tão prática: no fundo, é uma área complicada e sisuda, mas extremamente organizada e meticulosa. O que Erin mais ama na ciência é a ordem, a lógica, o modo como cada informação se encaixa em um sistema, mesmo que não possamos vê-lo. Ela crê nesse sistema tal como alguns creem em Deus. Evolução e taxonomia são reconfortantes. São estáveis e exatas.

Há, no entanto, aquela conhecida pedra no sapato, o problema do acaso, que sempre incomoda Erin e que ela definiu como objetivo de vida. Os humanos só existem por um único motivo, só existem porque há algo além do organismo unicelular: a mutação; é justamente por causa do imprevisível, do surpreendente e do não planejado que os humanos existem – e esse é o tipo de coisa que Erin detesta.

E graças a isso que químicos, físicos e matemáticos desprezam os biólogos e os tratam como cientistas inferiores, confiando demais em forças fora do controle, em leis da razão, da lógica e da previsibilidade. É isso que torna a biologia uma ciência de histórias, não de equações.

O que intriga Erin em relação à evolução e que ela precisa investigar a fundo é como, às vezes, o bendito inesperado é o mais necessário. É graças aos acidentes na história que a evolução existe, que o peixe começou a respirar e que suas nadadeiras se “transformaram” em pés de pato para os mergulhadores. Então, muitas vezes a chave para a sobrevivência é a mutação, a mudança e, na maior parte do tempo, essa mudança nada mais é que um acaso.

Às vezes, as forças da natureza acabam vencendo.

Na pequena, mas sempre crescente, parcela mexicana da cidade, há uma família com cinco adultos, dois adolescentes, sete crianças que têm menos de catorze anos e uma matriarca bastante idosa que sofre de demência em estado avançado e registro duvidoso de cidadania. Sem falar nos primos (incluindo os de segundo grau) e naqueles espalhados por Prescott e cidades vizinhas. Rosina Suarez é filha única de uma mulher viúva que perdeu o marido apenas cinco meses após o casamento, seis meses antes do nascimento da garota. Em vez de pai, Rosina tem uma família grande de tias, tios, primos e primas que entram e saem da casa dela como se fossem a deles. As duas cunhadas de sua mãe, que moram em apartamentos idênticos aos de Rosina, bem ao lado (uma à esquerda e outra à direita), foram abençoadas com maridos vivos e famílias numerosas. Seus filhos não reclamam nem respondem aos pais, não usam roupas escuras ou maquiagem extravagante, tampouco raspam a lateral da

cabeça ou escutam música alta dos anos 1990, as quais consistem, sobretudo, em garotas berrando.

A família de Rosina é das montanhas de Oaxaca e tem raízes zapotecas e profundas: baixa estatura, corpo robusto, pele bem morena, rosto arredondado e nariz achatado. O pai de Rosina era um mestiço da cidade do México, mais europeu que índio, e Rosina é alta e magra como ele, de estatura bem maior que a do resto da família – ela se sente uma alienígena entre eles, em vários aspectos.

Como filha única, a mãe de Rosina herdou o dever de abrigar e cuidar da própria mãe, que tem o hábito de vagar quando não há ninguém por perto. E como Rosina é a mais velha entre os primos, também faz parte de seus deveres cuidar dos mais novos, além de dividir o tempo com o trabalho regular no La Cocina, que é o restaurante do tio José, o melhor estabelecimento mexicano de Prescott (alguns diriam o melhor da área metropolitana de Eugene) e a principal fonte de renda de toda a família. Rosina passa as duas horas e meia entre o fim da aula e o início de seu turno no restaurante na casa de outro tio, cuidando dos sete priminhos enquanto a Abuelita (sabe-se lá como) tira um cochilo em uma cadeira, num canto, apesar do bando de crianças gritando, e enquanto o seu primo mais velho, Erwin, que cursa o último ano do ensino médio na Prescott High e que, na opinião de Rosina, veio ao mundo só para desperdiçar o ar de Oregon, joga video game e espreme espinha, com visitas periódicas ao banheiro, as quais ela suspeita que sejam para se masturbar. A segunda prima mais velha de Rosina é uma chata de quase treze anos que não se interessa por nada e seria perfeitamente qualificada para ocupar o lugar de babá da família. No entanto, Rosina é, e sempre será, a mais velha, e a responsabilidade de ser assistente da mãe e de cuidar da família é e continuará sendo dela.

Como Rosina formaria uma banda, se passa as tarde ocupada trocando fraldas e vigiando os bebês para não enfiarem facas nas tomadas? Ela preferia cantar, berrar em num microfone em um palco, em vez de entoar canções de ninar para seus priminhos de merda e de mal com a vida, que só sabem sujar de ranho o jeans predileto dela, que, por sua vez, precisa pendurá-lo no varal para secar porque a secadora está quebrada de novo, e é claro que a calça vai ficar desbotada e com aquele cheiro de fritura, porque o vizinho está fazendo tortilla.

A porta da frente se abre. Um dos bebês grita de alegria ao ver a mãe, que acaba de voltar de seu turno no restaurante.

— Estou aqui, tia! — avisa Rosina, levantando-se do sofá e caminhando até a porta antes mesmo de a tia terminar de fechá-la. Rosina pula os cacarecos de brinquedos espalhados pelo chão, monta no selim de sua bicicleta de segunda mão e evapora dali sem nem perceber o cuspe na perna e a mancha marrom em sua camisa, que deve ser de banana ou de cocô de neném.

A pouco mais de um quilômetro e meio fica um bairro que não tem nome oficial, mas que a maioria dos moradores conhece como Canto do Trailer. Isso porque as ruas são tomadas por trailers e por casas pequenas, caindo aos pedaços, e pelo mato, que cresceu tanto que chega a parecer arbusto. Em um desses trailers, um garoto popular beija uma menina cujo pescoço salgadinho está acostumado a ser beijado. Ela não é a namorada dele. Aliás, ela não costuma namorar sério.

O minúsculo ventilador elétrico do trailer trabalha a todo vapor, mas o calor dos dois corpos naquele miniestabelecimento de metal deixa a menina com sono e náusea. Ela se pergunta se tinha algo a fazer hoje. Se o

garoto perceberia caso ela tirasse uma soneca. Enquanto não chega a conclusão alguma, fecha os olhos e o espera terminar. Com nenhum desses caras a coisa leva muito tempo.

Houve uma época em que ela, como tantas outras garotas, tinha verdadeira obsessão por uma vida de princesa, acreditava no poder da beleza, da graça e da doçura. E em príncipes. Acreditava que poderia ser salva.

Agora, ela não sabe mais em que acreditar.

Em um bairro muito diferente, uma garota igualmente diferente fecha os olhos e deixa rolar, sente a cabeça do cara entre suas pernas, a língua enchendo o corpo dela de prazer, exatamente como ela lhe ensinou. Ela sorri, quase chega a gargalhar tamanho o prazer que sente, se surpreende, sente calor e uma sensação de leveza percorrer seu corpo todo.

Ela nunca questionou seu direito a isso. Nunca questionou o poder do próprio corpo. Nunca questionou seu direito ao prazer.

Há um punhado de colinas em Prescott, e a representante estudantil da Prescott High School, aluna nota A+, forte candidata (cruzem os dedos!) à graduação em medicina na Universidade de Stanford, mora no topo mais alto. Neste exato momento, ela está ao volante do mais novo lançamento da Ford (o pai é dono de uma concessionária Ford na cidade, “onde você encontra a maioria dos Ford vendidos no código de área 541!”), na garagem da família, onde cabem três carros. Ela acaba de sair do asilo em que faz trabalho voluntário (embora, é claro, jamais dissesse “asilo” em voz alta). “Casa de repouso” é menos ofensivo, o que é muito importante, pois ela não gosta de ofender ninguém. A garota jamais confessaria quanto, na verdade,

pessoas idosas a incomodam, como segura o vômito a maior parte do tempo e como chora, aliviada, quando entra no chuveiro quente e se livra do cheiro daquele ambiente – uma mistura de naftalina e sopa. Ela escolheu esse trabalho voluntário porque sabia que seria o mais desafiador de todos e porque essa é a chave para o sucesso: encarar desafios.

Por dentro, no entanto, conta horas, minutos e segundos para terminar o trabalho e tentar ocupar a mente com seus números favoritos: sua média das notas (4,2), a quantidade de aulas do Advanced Placement (dez até agora, mas ainda haverá mais) e a contagem regressiva dos dias letivos até a formatura (cento e oitenta! Grrr!). Há muito tempo, ela jurou que não seria como a mãe, que nasceu em Prescott e quase conseguiu vencer na vida, mas deixou a faculdade para se casar com o namorado do ensino médio. É claro, que, no fim das contas, a mãe ficou rica. No entanto, desperdiçou a chance de conseguir algo a mais na vida. Ela poderia ter sido algo além da esposa de um vendedor de carros e chefe da comunidade do bairro. Ela desistiu de ser alguém quando estava prestes a pôr a mão no que queria, um segundo antes de tocar o troféu e sair correndo sem olhar para trás.

Pouco mais de três quilômetros a oeste, uma garota pesquisa na internet dicas de como perder dez quilos.

Meio quilômetro a leste, alguém verifica pela terceira vez se a porta do banheiro está trancada. Ele se olha no espelho, tenta não mexer os lábios e, com cuidado, passa o batom que roubou da bolsa da mãe, enfia o papel higiênico no sutiã que furtou no Walmart e olha para a ponta do nariz; o colorido transforma esse alguém em outra pessoa.

— Sou uma menina — sussurra. — Meu nome não é Adam.

Do outro lado da estrada, uma garota faz sexo com o namorado pela segunda vez. Dessa vez não dói. Dessa vez ela mexe os quadris. Dessa vez ela começa a entender o barato da coisa.

Numa cidade próxima dali, dois melhores amigos se beijam. Um deles diz:

— Promete que não vai contar para ninguém.

O outro pensa: *Quero contar para o mundo inteiro!*

Uma garota assiste à televisão. Outra joga video game. Outras trabalham meio período ou se entretêm com os livros que reservaram para ler no verão. Algumas vagam sem rumo por um shopping em Eugene, na esperança de serem notadas.

Uma garota olha para o céu e se imagina caminhando nas nuvens para algum lugar novo, desconhecido. Outra garota cava o chão, imaginando que há ali embaixo um túnel com uma estrada.

Em outro estado, Lucy Moynihan, uma garota invisível, tenta esquecer uma história que vai marcá-la pelo resto de sua vida. Uma história em que ninguém quer acreditar.



GRACE

O problema é que, mesmo quando ela arruína sua vida, é difícil odiar uma mãe perfeita. E não, não é ironia, não imagine o “perfeita” com aquele tom debochado de adolescente. Por “perfeita”, entenda praticamente uma santa – sério, quase no sentido literal da palavra, a não ser que, para se tornar santo, seja preciso ser católico, o que a família de Grace não é. Qual é a religião deles, então? Com certeza, não são mais batistas. Congregacionalistas, talvez? E isso é considerado religião?

O pai de Grace disse que Prescott, em Oregon, seria um lugar perfeito, alinhado aos valores da família, diferentemente de Adeline, no Kentucky. Ele tem o dom de dourar a pílula – não é de estranhar, afinal, trabalha com marketing. E foi assim que ele considerou uma benesse se afastar da única casa que Grace conheceu como lar, o que aconteceu porque sua (antiga) igreja praticamente os expulsou da cidade. “É uma oportunidade para mostrar bravura e resiliência”, nas palavras de seu pai. Também foi uma grande motivação para aperfeiçoar as habilidades de pechinchar, reduzir o uso de papel higiênico e encontrar novas marcas de arroz e feijão, enquanto a mãe procura um emprego novo e Grace tenta encarar mais um dia de escola sem chorar em público. Enquanto seus pais tentam pôr em prática sua bravura e resiliência, Grace tenta fingir que não

ficou chateada quando a maioria dos amigos que ela conhece desde a pré-escola, sem exceção, a dispensaram porque a mãe dela, nas palavras deles, “bateu a cabeça” e, então, foi obrigada a reconstruir a vida e teve um novo encontro com Deus, dessa vez como um cara mais liberal do que todos na igreja pregavam que Ele fosse.

No entanto, o primeiro erro de sua mãe na igreja foi ser mulher. Muitos dos homens velhos e brancos (em uma Congregação em que a maioria dos membros era branca) cruzavam os braços e franziam a testa durante os sermões que a mãe dela ministrava como convidada enquanto esperavam que o pastor oficial assumisse a pregação. Mesmo antes de “bater a cabeça”, na opinião deles, a mãe de Grace já era frágil e emotiva demais para assumir o cargo. Então, já estavam preparados e armados até os dentes quando a mulher aceitou fazer o casamento entre homens gays, donos de um pet shop. Em seu último sermão antes de levar um pé na bunda, além de lembrar à Congregação o (incômodo) fato de que Jesus amava e aceitava todo mundo sem julgamento, a mãe de Grace comparou o filho de Deus a um socialista moreno. Pela cidade, correu o boato de que alguém a teria escutado dizer “foda-se o Levítico!” enquanto podava rosas no quintal.

Então, foi assim que, depois de anos de serviço, expulsaram a mãe de Grace do cargo de diretora de causas feministas e oradora convidada do templo da Primeira Igreja Batista do Cristo Redentor e que ela foi automaticamente insultada e odiada por quase sete mil congregacionalistas de Adeline e de três condados vizinhos. O pai de Grace acabara de começar seu negócio de marketing on-line e ainda não tinha levantado renda. No entanto, pior que ficar pobre de uma hora para a outra, é de repente ficar sem nenhum amigo em uma cidade pequena, onde todos se conhecem. Ninguém se sentava ao lado de

Grace na igreja. O armário dela na escola começou a aparecer pichado, e o mais estranho de tudo, com palavras como “puta” e “vadia”, sendo que ela era, e ainda é, virgem. E não é com esses termos que uma garota é xingada quando querem envergonhá-la? Assim, Grace passou o resto do ano letivo almoçando sozinha no banheiro da academia, sem falar com ninguém durante o dia, exceto com um ou outro professor, e sem que seus pais fizessem ideia do que ela vinha suportando; a mãe estava ocupada demais procurando emprego, e o pai, ocupado demais tentando captar clientes. Grace sabia que o sofrimento dela não era prioridade.

Ela não consegue definir muito bem como está agora, mas tem certeza de que a tristeza não é por ir embora. Ficou claro que Adeline não tinha nada mais a oferecer a ela e a sua família, fosse pelas amizades, fosse pela sensação de se sentir bem-vindo. E, mesmo antes de isso tudo acontecer, quando ainda se sentia alocada numa casa simples, mas num bairro legal, rodeada de amigos e conhecidos, com regras de comportamento e de fala muito bem-estabelecidas – mesmo assim, com toda essa ordem –, Grace suspeitava que houvesse algo de errado. Ela conhecia de cor e salteado seu papel e o executava com maestria, mas não passava disto: um papel. Parte dela sempre sentiu como se vivesse uma mentira.

Talvez, bem no fundo, ela sempre tenha odiado as músicas cristãs e os filmes cristãos, com produções terríveis, aos quais o grupo de jovens sempre assistia às noites de sexta. Talvez no fundo ela detestasse sua vida social em torno do grupo de jovens. E detestasse sentar-se à mesma mesa no horário do almoço, todos os dias, com as mesmas garotas insossas que ela nunca escolheu como companhia e com quem nunca se identificou, tímidas e ao mesmo tempo insuportavelmente hostis com qualquer um que não

pertencesse ao círculo delas, que acobertavam fofocas por trás da “justiça cristã”. Talvez lá no fundo ela quisesse um namorado. E tivesse a curiosidade de conhecer todos os tipos de coisa que não devia querer conhecer.

Grace sempre ansiou por outra coisa. Uma cidade diferente, uma escola diferente, pessoas diferentes. E, agora que finalmente surgiu a oportunidade de conquistar o que queria, ela se vê apavorada. Percebe que não tem ideia do que realmente quer.

E o que pode ser pior? Mentir sobre quem se é ou não saber quem se é?

Agora mesmo, diante da incerteza de começar o ano em uma escola nova, em uma cidade nova, Grace daria tudo pela simplicidade de sua vida antiga, que não era um mar de rosas, é verdade, mas pelo menos era segura. Previsível. Sua casa. E tudo isso soa perfeitamente bem agora.

Ainda assim, cá está ela, neste lugar estranho que não se sabe se é uma cidade pequena ou um subúrbio, presa em um purgatório entre um passado insatisfatório e um futuro desconhecido. As aulas começam amanhã, domingo é o primeiro sermão de sua mãe na nova igreja e tudo parece longe de ficar bem. Nada aqui soa ou traz a sensação de lar.

Será que Grace deveria rezar ou algo assim? Pedir orientação divina? Abrir espaço para Deus? Sejam quais forem as respostas, neste momento ela tem outras coisas com que se preocupar – por exemplo, sobreviver ao penúltimo ano do ensino médio.

Grace se dá conta de que sente saudade de casa. Mas como alguém pode sentir saudade de um lugar que não existe mais?

E como alguém pode começar uma nova vida se nem mesmo sabe quem é?



ROSINA

Maldito primo Erwin e sua existência inútil, fodam-se todos os tios do mundo, fodam-se Mami, tia Blanca e tia Mariela por acharem que Rosina é uma escrava, fodam-se os velhos modos e a obrigação de concordar com eles, fodam-se essa bicicleta e essa roda torta ridícula, foda-se esta cidade cheia de buracos e de calçadas irregulares, foda-se Oregon, fodam-se a chuva, os jecas, os jogadores de futebol e as pessoas que comem no La Cocina, não oferecem gorjeta e ainda por cima jogam o guardanapo sujo e gorduroso no chão para Rosina pegar.

Fodam-se tudo e todos, menos a Abuelita. Rosina admira a avó, que ocupa um lugar muito especial em seu coração. Ainda que a Abuelita pense que Rosina é sua filha morta, Alicia, que nunca saiu de sua aldeia, no México. Mesmo que a Abuelita tenha saído vagando no meio da noite na terça-feira, quando não tinha ninguém olhando, e caminhado até um bairro um pouco mais legal e com moradores mais brancos a quase um quilômetro de distância, e que aquela linda líder de torcida, Melissa, de quem Rosina está a fim desde o sexto ano, tenha a levado de volta. Depois de chorar por uma hora, de andar de bicicleta pela vizinhança procurando a Abuelita, Rosina escuta baterem à porta e vai abrir, com a cara manchada, o cabelo bagunçado, o nariz sujo de lágrimas e ranho; eis que

depara com uma demonstração de beleza e gentileza: Melissa, a líder de torcida, segurava a mão de Abuelita com um sorriso terno e o olhar tão radiante quanto a luz do sol.

— Olha só quem encontrei — diz a líder de torcida.

Abuelita beija Melissa na bochecha e afirma:

— *Eres un ángel.*

Em seguida, Abuelita entra na casa, e Rosina se sente tão envergonhada que fecha a porta no lindo rosto de Melissa um segundo depois de mal conseguir dizer “obrigada”.

Só de pensar na cena, Rosina retrai o corpo. Nunca uma garota a fez se sentir assim, tão fora de si mesma. Nunca se sentiu tão sem jeito. Ela se lembra daquela expressão “de pernas bambas” e do quanto sempre achou bobagem de paixonite, mas aí percebe que teve provas científicas de que, sim, é uma condição física real, e isso a deixa enraivecida por ser tão clichê, por estar a fim de alguém e por esse alguém ser *mulher*.

Ela pedala a toda velocidade na esperança de que a queimação nos músculos das pernas acabe com a sensação inquietante de querer alguma coisa, de desejar alguém, alguém que ela sabe que não pode ter. Mesmo montada na bicicleta, pedalando o mais rápido que consegue, Rosina se sente enjaulada, presa. Não pode ir para Eugene e com certeza não vai a Portland, óbvio que não. O que ela pode fazer é passear pelas ruas dessa cidade velha e desgastada, procurando algo novo. Às vezes, depois que passa a chuva, as calçadas ficam cheias de minhocas afogadas. Quem sabe umas correspondências perdidas. Ou garrafas vazias e papel de bala, chiclete, recibos, listas de compra amassadas. Bicho morto. A única novidade que há por essa cidade é lixo.

Rosina percorre as ruas de Prescott, como uma eterna solitária, a única garota parda da cidade que não anda com as outras garotas pardas (como se fosse por escolha

própria), o cabelo preto espetado serpenteando o ar, pelos fones no ouvido escuta mulheres selvagens que faziam música em bairros e cidades bem perto dali, mas há praticamente uma geração, aquelas garotas corajosas de botas e guitarras, cantando com a voz rasgada, cheia de rebeldia e coragem. Relíquias, artefatos. Tudo o que realmente valeu a pena aconteceu há muito tempo, quando “novo” de fato significava “novo”.

Por que ela sempre acaba entrando nesta rua? Não tem nada ali além de casas da década de 1950, simples, todas iguais – só mudam a cor; e tem uma ou outra árvore e alguns jardins com a grama muito malcuidada. Esta rua não faz parte da rota de Rosina. Não leva a lugar algum.

Aí está. A casa. A casa de Lucy Moynihan. Tinta branca desbotada e descascando, como em qualquer outra casa. Do lado de fora, nada de especial. Ali morava uma garota que Rosina mal conhecia. A casa passou o verão inteiro vazia. E o que Rosina tem a ver com isso? Nada. Então, por que ela continua voltando lá? É como se a casa a chamasse. Como se, mesmo sem estar mais ali, Lucy continuasse no local.

A casa não está vazia. Não mais.

Se não estivesse prestando atenção, Rosina provavelmente nunca teria percebido a garota branca e rechonchuda lendo na varanda da frente. Mas não é a garota que chama a atenção de Rosina. Afinal, é uma pessoa branca que não contrasta com paredes brancas. A menina tem o rosto liso e sem traços definidos, do tipo que é difícil memorizar. Mas é nova, e isso é um dado importante. Mais que importante.

— Ei! — chama Rosina, freando a bicicleta de uma vez.

A garota leva um susto. Rosina tem a impressão de ouvir o guincho de um rato.

— Quem é você? — pergunta Rosina ao puxar o pezinho da bicicleta com o próprio pé. — É nova por aqui? — complementa enquanto caminha pela calçada irregular. — Está morando nesta casa?

— Hummm. Oi?! — responde a garota, colocando de lado o livro, algum romance medíocre de fantasia, e afastando a franja loura e desgrenhada dos olhos. Mas os fios não obedecem e voltam para a mesma posição.

— Oi, sou Rosina — apresenta-se, oferecendo a mão para cumprimentar a menina.

— Grace.

A mão leve e ligeiramente úmida de Grace contrasta com o aperto afirme de Rosina.

— Em que ano você está? Parece do segundo.

— Terceiro.

— Eu também.

— Vou estudar na Prescott High.

— É... acho que essa é a única opção que temos por aqui — comenta Rosina, sem a menor preocupação em esconder que está avaliando a garota da cabeça aos pés. — Sua voz é engraçada, o sotaque, sei lá... Parece de personagem de desenho.

Grace abre a boca para responder, mas não emite som.

— Desculpa. Pegou mal, né? — pergunta Rosina.

— Hum... Um pouco.

— Mas na verdade eu quis fazer um elogio. Sério, você é diferente. E eu gosto do que é diferente. De onde você é?

— De uma cidade bem pequena em Kentucky, Adeline.

— Entendi... Tem bastante gente do interior por aqui, então você vai se sentir em casa. Sabe quem morou nessa casa antes de você, né? — indaga Rosina, mas sem dar tempo de a garota responder. — Sabe o que significa “pária”? Era aqui que a pária da cidade morava. Já leu

aquele livro *A letra escarlate*? A menina do livro era tipo isso. Só que não.

— Nunca li. Foi proibido na biblioteca da minha escola.

— Eita. Pelo menos por aqui a gente não está tão atrasado.

Rosina fica quieta. E chuta um matinho que nascera em uma rachadura da calçada.

— Acho que ela está no segundo ano. Onde quer que esteja.

— Quem? — pergunta Grace. — O que ela fez?

Rosina dá de ombros.

— *Ela* não fez nada. E o que aconteceu pouco importa. O que importa mesmo é que ela tenha falado sobre o assunto — comenta, mirando ao redor, mas sem fixar o olhar em um ponto específico. Está à procura de algo em que possa se apoiar. É do tipo que gosta de se escorar.

— E o que as pessoas dizem que aconteceu? — questiona Grace.

Rosina dá de ombros de novo. Tenta agir com naturalidade, como se não houvesse emoções interferindo em seu comportamento, mas é difícil fazer isso quando não se tem nada em que se escorar, quando já está chateada mesmo antes de a conversa inesperada começar, quando o sol da tarde reflete em seus olhos e você se vê à sombra da casa daquela pobre garota que merecia um destino melhor e você sabe que deveria ter feito algo por ela quando teve a chance, mas não fez.

— Acontece que as pessoas não querem ouvir coisas que gerem problemas para a vida delas, mesmo que sejam verdade. As pessoas detestam ter de mudar o modo como enxergam as coisas. Então, em vez de admitir que o mundo é feio, preferem cagar em cima da cabeça de quem diz isso, entende?

Rosina lança uma cusparada na calçada ao sentir a onda de calor que começa a subir pelo esôfago, queima feito fogo e provoca náuseas. O que diabos tem nessa garota da varanda, que mal abriu a boca e está fazendo Rosina falar sem parar? Será por que ela fez perguntas? Ou por que realmente parece se importar?

— E quem se importa com o estupro de uma garota? — indaga Rosina num tom sarcástico e amargo. — Ela não era importante para o mundo. Nenhuma de nós é. Ela foi embora. Todos devemos esquecê-la. — Rosina olha para Grace como se tivesse acabado de se dar conta de que a garota estava lá. — Você não é de falar muito, não é mesmo?

— Você meio que está falando por nós duas.

Rosina sorri.

— Er... Bom, e aí novata, tem algo interessante a dizer?

— Ah — diz Grace. — Hummm...

— Acabou seu tempo — interrompe Rosina. — Preciso ir. Vejo você na escola. Acho.

— Está bem, prazer em conhecê-la — diz Grace, hesitante.

Rosina dá um tapinha num chapéu imaginário, depois vira e ergue a perna para montar na bicicleta.

— Espera! — pede Grace, que parece tão surpresa quanto Rosina ao ouvir o volume súbito da própria voz. — Como ela se chamava?

Rosina suspira.

— Que importância tem?

— Hummm... Toda? — responde Grace, com gentileza. Depois, de um jeito mais agressivo, acrescenta: — Pois é, importa. E muito.

Rosina se recusa a acreditar em Grace, pois significaria se preocupar com algo a respeito do que ela não pôde fazer nada. Rosina não quer dizer o nome da menina em voz alta

porque isso a tornaria real... E por que diabos ficar ali discutindo isso?

— Lucy — responde Rosina no momento em que pula no selim. — Lucy Moynihan.

E com isso ela sai pedalando com toda a força que suas longas pernas permitem.



ERIN

— Já me organizei para amanhã de manhã — conta Erin à mãe. — Vou levar mais ou menos uma hora e quinze, contando do momento em que acordo até chegar à escola. A margem de erro é de mais ou menos três minutos, considerando que vou deixar o uniforme pronto na noite anterior.

— Que bom, querida — responde a mãe. — Mas talvez nem precise se preocupar em arrumar a roupa, já que você usa a mesma todo dia. — A mãe de Erin sempre tenta convencê-la a fazer as coisas de um jeito diferente. Sempre haveria um jeito melhor que o de Erin.

— Mas de qualquer forma vou precisar de dois minutos para tirar a roupa da gaveta.

O guarda-roupa de Erin consiste em três camisas longas flaneladas, quatro camisetas brancas simples, duas camisetas cinza, três jeans largos, duas calças cargo, um par de All-Star preto e outro azul, tudo com etiquetas cortadas.

— Por que não veste aquelas camisetas novas que te dei? — pergunta a mãe.

— São desconfortáveis.

— Vou lavá-las mais algumas vezes para ficarem mais macias.

— Gosto das minhas camisetas velhas.

— Estão furadas. E manchadas.

— E...?

— Você pode não ligar, mas as outras pessoas reparam — diz sua mãe. — E vão comentar.

— Problema delas.

Erin sabe que sua mãe acha que está ajudando, que esta é a chave para a felicidade: a sensação de pertencimento. Mas Erin já tentou fazer isso. Passou a infância inteira estudando as pessoas, tentando descobrir como ser uma “garota normal”. Tornou-se uma imitadora, uma atriz capaz de interpretar inúmeros papéis: já deixou o cabelo crescer, usou roupas que a mãe julgava “fofas” e até passou maquiagem, por um curto período, quando estava no oitavo ano. Sentava-se sobre as próprias mãos para não as esfregar quando ficava nervosa. Mordia as bochechas até sangrar para não fazer feio em público. Erin foi um camaleão, mudava de tempos em tempos para se adequar aos grupos, sempre recorrendo ao banco de dados de sua memória para saber a roupa apropriada para vestir, o que não usar, o que dizer e o que não dizer, o que sentir e o que não sentir. No entanto, por mais que se esforçasse e tentasse, ela nunca se adequava. As palavras sempre saíam de sua boca cedo demais ou tarde demais, a voz, sempre alta demais ou baixa demais. Quanto mais ela tentava se encaixar, pior se sentia.

As pessoas sabem como agem meninos com Asperger — pelo menos, acham que sabem. A síndrome faz com que se sintam irritados, nervosos, que gritem. Eles lutam para se encaixar. E culpam o mundo pelo desconforto.

Por outro lado, para as garotas portadoras dessa síndrome, as coisas são diferentes. Elas são invisíveis. Não diagnosticadas. Porque, diferentemente do que ocorre com eles, as meninas se voltam para dentro. Escondem-se. Elas se adaptam, ainda que doa muito. E, como não gritam, as pessoas julgam que elas não sofrem. Uma garota que toda noite chora para dormir e não causa problemas.

Até que ela resolve falar. Até que a dor, tão grande, transborda. Até que não resta outra escolha senão romper com as duas semanas de silêncio para contar a verdade sobre o que fez com Casper Pennington, sobre sua última e mais drástica tentativa de fazer o que achava que as outras garotas faziam. O acontecimento que os trouxe até aqui.

Logo depois do ocorrido, Erin raspou a cabeça. E prometeu nunca mais se importar com o que pensariam dela. E jurou que pararia de se importar. Ponto-final.

A mãe suspira.

— Só queria facilitar as coisas para você.

— Minhas camisetas velhas tornam a vida mais fácil para mim — rebate Erin, categoricamente. Afinal, se não usar a mesma roupa todos os dias, sempre pela manhã teria que ficar escolhendo o que vestir. Como as pessoas conseguem fazer isso? E como conseguem sair de casa?

— Tudo bem. Você venceu — afirma a mãe, como se fosse uma batalha, como se estivessem em algum tipo de tribunal Erin *versus* Mãe.

Sua mãe serve um prato de salada de abacate com toranja, manteiga de amêndoa e aipo. O prato parece mais arte que comida propriamente; uma refeição perfeita para um esquilo vegetariano. No ano passado, ela introduziu a Erin uma dieta crudívora, porque leu em algum lugar que ajudaria a estabilizar o humor de portadores de Asperger. E por mais que Erin deteste admitir, a dieta de fato parece funcionar. O problema é que, por mais que ela coma, depois de uma hora, tem fome de novo.

A mãe está sentada naquele banquinho de sempre, na cozinha, escondida atrás do laptop. É desse canto que ela se conecta ao mundo dos pais que têm filhos com Asperger: envia e-mails para os grupos de apoio que ela lidera, cuida da moderação do grupo no Facebook, compartilha dicas e artigos sobre o assunto no Twitter, bem como receitas

veganas e livres de glúten em sua página do Pinterest. Por tudo isso, é considerada especialista no assunto pelo número crescente de amigos virtuais que tem – ao mesmo tempo, continua sem compreender a filha.

O cachorro de Erin, Spot, está deitado na posição de sempre, ao lado da dona, embaixo da mesa. O nome dele foi dado em homenagem ao gato de estimação de Data, Spot, que aparece em vários episódios de *Jornada nas estrelas: a nova geração*. Como é alérgica, Erin não pode ter gato. E esse é o segundo Spot que ela tem. O primeiro era um porquinho-da-índia. Apesar de Spot significar “pinta” em inglês, o Spot número dois não tem pintas. É um golden retriever. Vale dizer que o Spot de Data também não tem pintas, então Erin não está nem um pouco preocupada com essas inconsistências.

— Está animada para começar o trabalho na secretaria da escola? — pergunta a mãe, que vem tentando treinar a filha para conversa fiada. As duas praticam na hora das refeições.

— Não é um trabalho, mãe. Não vão me pagar, é escravidão. De certo modo, na verdade, você e o papai estão pagando para eles, já que as escolas públicas são financiadas por impostos e eu presumo que vocês contribuam direitinho. Pelo menos o papai, porque você não trabalha.

— Eu trabalho, sim, querida. Só não sou remunerada.

— Você podia conseguir uns anunciantes para o blog — sugere Erin. — E cobrar pelas palestras e apresentações.

— Obrigada pelo incentivo. Mas estou feliz fazendo o que faço.

— Não, não está — rebate Erin. A mãe a olha como quem diz que esse é exatamente o tipo de comentário que se deve evitar, mas Erin continua: — Se ganhasse dinheiro, poderia se tornar independente financeiramente.

— E por que eu ia querer isso?

Erin não responde. Por mais cruel que possa ser com a mãe, por mais que diga coisas inapropriadas, ela jamais diria “Porque não precisaria continuar casada com meu pai”.

Então, apenas dá de ombros.

— Um macaco seria superqualificado para fazer meu trabalho na secretaria. Eles só precisavam encontrar algum lugar para me enfiar durante as aulas de educação física. — Erin recebeu do médico um parecer dizendo que ela tem problemas para praticar esportes em grupo, problemas com o toque das pessoas. A avaliação só não especifica que ela tem horror à transpiração, o que também é um problema nesse tipo de aula.

— E como foi o treinamento hoje de manhã?

— Tenho acesso aos dados da escola inteira. Posso saber a nota de todo mundo, se quiser.

— Mas não faria isso, não é?

— É contra as regras. — Todos sabem como Erin se sente em relação às regras. E foi por isso que lhe ofereceram esse trabalho que inclui acesso à informações confidenciais.

— O que você vai fazer hoje? — pergunta a mãe.

— Vou ler por uma hora. Depois, vou pegar o cocô do Spot no quintal e jogar fora. Em seguida, lavar as mãos por um minuto. Então, comer uma maçã com uns palitinhos de cenoura, porque isso vai me manter saciada por mais ou menos noventa minutos. Depois de completar todas as tarefas do dia, vou assistir a um episódio.

O antigo terapeuta ocupacional de Erin, em Seattle, lhe ensinou a respeito de *gratificação adiada* e sobre como ela é a chave para o sucesso. E Erin se tornou muito boa nisso. Ela faz tudo aquilo que não quer antes de fazer as coisas de que gosta. Dessa forma, sente-se motivada a continuar fazendo suas obrigações até finalizá-las. Sempre tem pelo

menos uma lista do que precisa ser feito, organizada por ordem de importância, prazo estimado e grau de satisfação correspondente a cada atividade. Preparar essas listas, às vezes dá tanto trabalho quanto executar as tarefas em si. No entanto, o que as pessoas não entendem é que é necessário fazer tais listas, é questão de sobrevivência. Sem os tópicos e os assuntos organizados, Erin jamais conseguiria executar suas tarefas. Ela as esqueceria. As coisas se misturariam em sua cabeça a ponto de se desintegrarem e a sufocarem de tanta ansiedade. Sem essas listas, sem sua organização obsessiva, não há regras nem ordem. O mundo não faz sentido. Ele se dissolve e ameaça levar Erin junto.

— Parece um plano — comenta a mãe.

— Eu sempre tenho um plano.

— Sim, querida — comenta a mãe. — Eu sei.

Talvez Erin não consiga captar as sutilezas o tempo todo, mas ela sabe que sua mãe respondeu irritada. Erin sente uma dor no peito, bem aonde a dor sempre começa, o lugar de onde a ansiedade irradia-se para o resto do corpo. Neste exato momento, a dor quer mostrar que a mãe deveria se orgulhar das listas da filha, não se aborrecer e se sentir envergonhada pelo fato de Erin precisar delas.

Spot roça as patas na perna de Erin porque sente que a dona está agitada. A mãe o comprou em uma escola de treinamento para cães e pagou mais barato porque ele não havia se adaptado aos treinamentos. Mesmo assim, é um cão muito talentoso.

— Tem uma família nova no grupo de apoio que frequento às quintas, à noite — conta a mãe, mesmo sabendo que Erin detesta falar enquanto come.

— Legal — responde Erin. Na verdade, o que ela queria era não responder nada, mas infelizmente não é assim que funcionam as conversas.

— Eles têm uma filha de dez anos que acabou de ser diagnosticada. Ela é de alta funcionalidade, como você. Muito inteligente.

Alta funcionalidade, baixa funcionalidade... Como se fosse simples assim. Como se os adjetivos retratassem a realidade.

Erin não diz nada. E a desculpa para isso seria o fato de precisar mastigar aipo.

— Acho que pode ser legal vocês duas brincarem juntas qualquer dia.

— Mãe, eu tenho dezesseis anos. Não brinco mais.

— Mas ela adoraria conhecer você.

— Não ligo.

— Filha, olhe para mim.

Erin olha, mas mira o olhar bem abaixo do de sua mãe – truque que criou para fazer as pessoas acharem que ela está olhando nos olhos delas, quando na verdade, é só fingimento.

— Lembra do que conversamos sobre empatia? Tente pensar em como essa garota se sente e em como seria reconfortante para ela encontrar alguém mais velho com Asperger, alguém que vive bem, apesar da síndrome.

Erin esfrega as mãos para tentar acalmar a ansiedade, para ajudá-la a pensar direito. E pensa na empatia, no equívoco de as pessoas acharem que os portadores de Asperger são incapazes de se colocar no lugar dos outros, que se trata de uma habilidade que gente como Erin precisa adquirir. Se tem uma coisa que ela sabe ser, é empática, tanto que às vezes chega a doer, tanto que às vezes a dor de outras pessoas se transforma na dor dela, que a deixa totalmente incapaz de ajudar quem quer que seja. E é por isso que é mais fácil evitar o contato que socializar. É mais simples tentar ignorar do que tentar consolar quem sofre, porque essa última opção geralmente dá errado e piora as

coisas. Erin quer consertar a dor, fazê-la desaparecer, e às vezes não é isso que as pessoas querem. E, para Erin, isso não faz o menor sentido.

O que faz sentido é a lógica. Quando está em dúvida, Erin se pergunta o que Data faria e se esforça para pensar como um androide. Ela usa suas excelentes habilidades lógicas para deduzir se um encontro com uma garota de dez anos lhe faria bem.

— Mãe... eu *não* vivo bem — comenta, por fim, depois de chegar a uma conclusão.

Apesar das listas, das adaptações, todo dia é uma batalha que deixa Erin exausta de um modo que a mãe jamais será capaz de compreender.

Erin sabe o que significa a expressão de sua mãe. É o que chama de “cara de bunda”, embora Erin não veja bunda nenhuma no rosto dela. É uma careta que expressa tristeza e frustração. E, no caso de sua mãe, também significa que você acabou de dizer alguma coisa óbvia, mas que ela tenta disfarçar para não dar na cara.

— Por que diz isso? Você tem ótimas notas na escola, seu QI está acima da média, se sai muito bem em uma escola de ensino médio tradicional...

Erin reflete.

— Só tenho uma amiga na escola. O resto do pessoal me chama de louca. Até ela, às vezes. E minha única tentativa de ter um namorado obrigou a gente a mudar de estado.

— Erin, já conversamos sobre isso. Não foi esse o motivo da mudança. Seu pai recebeu uma oferta de emprego aqui.

No entanto, não precisa ser nenhum gênio (e Erin é) para saber o verdadeiro motivo da mudança de casa. Admitam seus pais ou não, Erin sabe que ninguém deixa, por livre e espontânea vontade, um emprego na

Universidade de Washington para trabalhar na Universidade de Oregon com um salário menor.

— Mãe, você precisa de um passatempo — sugere Erin. Erin reconhece a expressão da mãe. É tipo a cara de bunda, só que pior.

— Lembre-se. Empatia, Erin — diz a mãe, com delicadeza. E com os olhos marejados.

Erin sente um soco, um aperto no peito. Sinal de que ela deve dizer que está arrependida.

— Preciso ficar sozinha — diz, em vez de pedir desculpas. — Vou para o meu quarto.

A mãe a deixa mais exausta do que qualquer outra pessoa. Não é necessariamente o fato de estar perto das pessoas que esgota as energias de Erin, mas o contato com pessoas que querem que ela aja de forma diferente.

— Vamos, Spot — chama Erin, e o cachorro vai atrás dela, mantendo-se fiel mesmo quando a garota diz coisas que deixam sua mãe triste.

Erin nunca sabe se a mãe chega a sair do banquinho da cozinha, porque toda vez que Erin sai e volta, ela continua lá. No mesmo lugar.



GRACE

Grace mantém a cabeça baixa enquanto passa pelos diferentes grupos que lotam os degraus da entrada da Prescott High School. Através da franja, ela vê fragmentos de rostos, de penteados e de roupas, e sua mente se esforça para catalogar quais ela deveria evitar. Talvez haja alguém ali que seja diferente, que procure alguém para uma amizade verdadeira, mas sua estratégia para fazer amigos é por eliminação. Ela tem pensado bastante sobre seu plano, que consiste em eliminar primeiro o grupo dos mais populares (e quem Grace pensa enganar? Provavelmente, terá de eliminar o segundo grupo mais popular da escola também) e, então, fracassados, drogados, ratos de academia, esquisitos de qualquer tipo; por fim, escolherá quem sobrou. Na escola antiga, os amigos que pertenciam ao círculo de convivência dela, eram filhos de pais religiosos fanáticos que frequentavam a igreja da mãe, crianças com as quais Grace cresceu nas reuniões dominicais e nos encontros de grupo de jovens. Mas ela colocou os ovos na cesta errada: perdeu todos os amigos que tinha quando eles, por unanimidade, decidiram se afastar quando seus respectivos pais decidiram que a mãe de Grace estava, de certo modo, possuída pelo demônio. Grace não pode permitir que isso aconteça de novo.

Ela respira fundo enquanto caminha até o prédio principal. Cumpriu a primeira etapa. Atravessou a porta da frente. Agora, precisa conferir o horário das aulas. Se quebrar o dia em pequenas partes, a coisa talvez pareça menos assustadora.

Por favor, meu Deus, ela reza em silêncio. Dê-me forças. Ajude-me a atravessar esse sofrimento.

Grace para na recepção e ali fica por um tempo. Do outro lado do balcão, há uma garota de cabelo raspado, estilo meio andrógono, com a cara grudada na tela de um computador antigo. Grace sabe que a menina pode vê-la, ainda que esteja fingindo que ela não está ali.

— Hummm... Oi? — cumprimenta Grace.

A garota olha para ela por um momento, depois volta à tela do computador.

— Eu não deveria estar aqui na recepção — explica a garota. — Meu computador fica lá no fundo, mas está quebrado.

— Ah, certo? — diz Grace.

A garota careca parece nervosa, se mexe de um lado para o outro, mas não diz nada.

— Hummm... — continua Grace. — Vim aqui pegar o horário das aulas...

— Você deveria ter recebido pelo correio há duas semanas.

— Er... é que acabei de me mudar para cá. Há duas semanas eu ainda não tinha endereço. Então, me disseram para vir aqui?

A garota olha para Grace.

— Disseram? Quem?

Uma mulher robusta, correndo desde o fundo da secretaria, aparece.

— Desculpe, querida. Precisei dar um pulinho ali por um minuto — explica a mulher, que olha para a garota

careca, que, por sua vez, parece preocupada. A mulher robusta volta a olhar para Grace.

— Erin ajudou você?

— Hummm... Mais ou menos?

— Isso deve ser o que chamam de pessoa evasiva — comenta Erin. — Parece que está fazendo uma pergunta, mas na verdade, não está.

— Erin! — A mulher robusta a chama, com um suspiro. — Pode, por favor, cuidar das suas coisas e me deixar atender a mocinha, aqui?

— Eu só queria ser sociável — explica Erin, com gentileza. Ela respira fundo e esfrega as mãos, como se tentasse espalhar hidratante nelas.

— Tudo bem, Erin. Acalme-se — pede a mulher.

— Nunca pedir para alguém se acalmar de fato ajudou a pessoa a se acalmar — comenta Erin.

— Como posso ajudá-la, querida? — pergunta a mulher a Grace, com um olhar que mostra que as duas compartilham de um sentimento, o qual Grace suspeita que seja irritação. Mas Grace acha que é Erin quem parece estressada, então a mulher não deveria tentar ajudá-la? Quando se trabalha em uma escola, não faz parte ajudar os alunos?

— Eu me chamo Grace Salter. Acabei de me mudar para cá. Vim pegar o horário das aulas.

— Ah, claro — diz a mulher, com a voz muito mais simpática que quando falou com Erin. — Bem-vinda à Prescott! Sou a sra. Poole, responsável pela secretaria. Está gostando da escola?

— Estou, acho?

— Estamos há exatos cento e trinta e um quilômetros da praia mais próxima — intervém Erin. — O que não é nada bom.

A sra. Poole ignora Erin. Ela folheia um arquivo na escrivaninha e tira um papel. — Lá vamos nós. Horário de aula de Grace Salter. Sala de literatura norte-americana, com o sr. Baxter.

— O sr. Baxter é o treinador de futebol e só passa livros de homens brancos e heterossexuais — comenta Erin.

— Erin, chega! — exclama a sra. Poole, bufando, antes de se virar para Grace e fazer uma cara patética. — Ela vai ficar por aqui todo primeiro período durante este semestre.

— Eu estou ouvindo — resmunga Erin.

— Quer saber? — diz a sra. Poole. — O sinal vai tocar já, já. Erin, você poderia mostrar a Grace onde fica a sala? Não queremos que ela se atrase no primeiro dia de aula.

Erin se levanta e, embora esteja com uma camisa de flanela larga por cima de uma camiseta branca também larga e calça jeans de tamanho maior que o dela, Grace vê que a menina tem corpo magro e se pergunta por qual motivo Erin tenta escondê-lo. Se tivesse um corpo daquele, ela gostaria de mostrá-lo para todo mundo.

— Vamos — diz Erin, que, em seguida, atravessa a porta sem se preocupar em olhar para trás e verificar se Grace a acompanha.

Grace quer perguntar a Erin por que a sra. Poole acha que tem o direito de ser tão rude com ela, por que pensa que isso não machuca; no entanto, em vez de fazer essas perguntas, Grace lança outra:

— Você mora por aqui há muito tempo?

— Há mais de dois anos.

— Onde você morava antes?

— Em Seattle.

— Ah. Era legal lá? Ouvi dizer que é um lugar interessante.

— Você tem sotaque.

— Sou de Kentucky.

— Pronto, esta é a sala do sr. Baxter.

Erin para em frente a uma porta aberta, olhando para o chão. Grace percebe que, com exceção daquele momento em que estava detrás da tela do computador na recepção da secretaria, Erin não olhou em seus olhos nem uma vez.

— Obrigada.

Os olhos de Erin percorrem o chão freneticamente. Depois de uma longa pausa, ela diz:

— De nada.

E vai embora.

Grace entra na sala barulhenta e encontra uma cadeira livre, no fundo. Ela mantém o olhar fixo no chão, então não sabe se tem alguém olhando para ela; aliás, ela não sabe o que é pior: ser medida da cabeça aos pés ou nem sequer ser notada.

O sinal toca. Nada do professor.

— Ouvi dizer que Lucy Moynihan teve um ataque de nervos e deixou a escola — comenta uma garota de cabelo escuro, sentada ao lado de Grace. — Parece que ela enlouqueceu. Foi para um hospital psiquiátrico em Idaho, algo assim.

— Isso não é verdade — refuta a menina loura. — A família dela acabou de se mudar para Portland por vergonha, eles não conseguiram encarar a situação.

— Bem feito! — completa a outra garota. — Também, com todo o alvoroço que ela causou... Não tinha outro jeito de chamar a atenção?

As duas riem. Grace queria que elas parassem. Ela não conhece Lucy, não conhece a história toda, mas, por dentro, sabe que a garota que escreveu aquelas palavras na janela do quarto não o fez porque queria chamar a atenção.

Seu incômodo também se deve ao fato de perceber que as garotas são possíveis candidatas a amigas. Dá para notar que não são populares, mas também não fazem parte do

último grupo da lista. São meninas como Grace, do tipo que ninguém nota. Bom, então, elas curtem fofoca... Pode ser que Grace tenha de aprender a lidar com esse tipo de coisa. Não restam a ela muitas alternativas.

Grace fecha os olhos e diz a si mesma: *fala oi*. Ela reza, pedindo força. Abre a boca para falar, mas, neste exato momento, um homem alto, robusto e bem-apessoado entra na sala carregando uma pilha de livros velhos e usados.

— E aí, treinador Baxter?! — Um cara musculoso, sentado na primeira fileira, o cumprimenta.

— Aarons — responde o professor. — Pronto para ganhar na sexta-feira?

— Lógico! — Na sequência, mais alguns caras, todos com camisa de futebol, cumprimentam o professor com um toque de mão e um grito.

— Aqui, McCoy — diz o professor para um dos alunos uniformizados, deixando a pilha de livro em cima da mesa. — Vai passando.

— Sim, professor.

— Bom... — Baxter começa a vasculhar uma pilha de papéis que há na mesa.

— A lista. A lista. Onde está a lista de presença?

O alto-falante estala.

— Bom dia, Prescott High School. Sejam muito bem-vindos ao primeiro dia de aula — anuncia uma voz feminina. — Aqui quem fala é a diretora Slatterly.

Metade da classe tira sarro.

— Em nome dos professores e da administração do colégio, gostaria de dizer que estamos felizes de encontrá-los e esperamos que tenham aproveitado bem as férias de verão, que estejam descansados e dispostos para mais um semestre de aprendizado. — Com a voz mais sinistra e séria, a mulher acrescenta: — Quero lembrar que, além da educação, a missão da Prescott High é incentivar o respeito

à autoridade, à disciplina e à ordem. Sem isso, nossa escola, nossa comunidade e a sociedade como um todo desmoronariam. Aqui, o objetivo é estimular e formar indivíduos construtivos, homens e mulheres dispostos a contribuir para a sociedade sem perturbar nem destruir o espírito da comunidade escolar. — A mulher pigarreia e volta a falar, com a voz mais pacífica: — O time de futebol da faculdade parece mais forte esse ano, estamos ansiosos para o jogo de sexta à tarde. Lembrem-se, alunos, cada um de vocês é responsável pelo próprio futuro. *Go, Spartans!*

Parte da sala grita, parte aplaude e outros olham fixamente para a janela. A loura fofoqueira sorri para Grace, que, por sua vez, teme que um sorriso de retribuição soe forçado. A garota pergunta:

— Você é nova?

— Sim. Oi. Eu me chamo Grace.

— Allison. Prazer.

A amiga de Allison também se apresenta:

— Connie.

Grace sente uma onda de esperança. Afinal, toda garota curte fofoca, não é? Até as mais santinhas têm lá suas maldades.

— Bom — diz o treinador Baxter, à frente da sala. — Esta aula é de literatura norte-americana. Antes de começar, tenho alguns avisos. Acredito no cânone. Acredito que as grandes obras literárias perduram por décadas e mais décadas porque exploram temas universais. Não vou desperdiçar tempo com obras populares, com modinhas passageiras e não estou preocupado com o politicamente correto. Meu trabalho aqui é oferecer uma formação sólida nos clássicos — e é exatamente isso o que vou fazer.

Começaremos com uma seleção de Edgar Allan Poe, Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau. Depois, leremos *Moby Dick*, de Herman Melville.

— Não é a história de uma baleia? — pergunta um garoto da primeira fileira.

— O livro fala sobre a obsessão e a eterna luta do homem consigo mesmo e com Deus — responde o sr. Baxter. — Entre outras coisas. Mas, sim, tem uma baleia na história. Tudo bem, Clemons?

— Sim, professor.

— Que bom. Depois de *Moby Dick*, seguiremos para uma seleção de grandes nomes americanos, como Mark Twain, Henry James, Faulkner, Hemingway e Steinbeck. Então, teremos uma verdadeira surpresa com *O grande Gatsby*, de Scott Fitzgerald, considerado por muitos o maior romance americano. Se sobrar tempo, no fim do semestre, podemos ler alguns ótimos autores que continuam vivos, incluindo o meu favorito, Jonathan Franzen. Agora abram os livros e vamos revezar a leitura em voz alta. Página quatro. “O que é um romance?” Quem quer começar?

Grace abre o livro didático e dá de cara com um desenho feito a lápis: um pênis usando óculos escuro.

Grace demora um pouco para encontrar seu armário, então, quando chega ao refeitório, já está quase cheio. Ela procura Connie e Allison, as duas meninas com quem conversou, mas elas devem ter ido comer em outro lugar. Ela olha ao redor à procura de possíveis futuros amigos – mas não tem ninguém muito especial nem muito sem sal, um punhado de fulanos e zés-ninguém, o tipo de amizade tragável. Por um momento, ela considera encontrar um cantinho escondido para comer debaixo da escada.

É quando uma mesa chama a sua atenção. No canto do refeitório, perto do corredor que leva à biblioteca, há um lugar isolado da hierarquia do ensino médio. Sentadas ali estão Erin, a garota careca da secretaria, e Rosina, a menina

que Grace conheceu em frente a sua casa ontem, igualmente estranha, mas de um jeito diferente, mais evidente. As duas parecem fora de órbita, como se nem sequer soubessem que estão sentadas no meio do refeitório de um colégio de ensino médio. Que bom seria ser tão livre assim, alheia a caprichos e fraquezas dos outros.

Rosina ergue a cabeça e percebe que Grace a encara. Erin olha para o lado e nota o que Rosina acabou de ver. As duas garotas olham para Grace, não exatamente sorrindo, mas com um olhar de curiosidade que não chega a incomodar.

Seria verdade que essa decisão – de com quem se sentar no almoço – pode definir o destino de Grace no ensino médio, quem sabe até na vida? A vida é realmente essa coisa tão absurda e sem sentido? A julgar pelas experiências que Grace teve, a resposta é “sim”.

Grace tinha um plano, mas talvez ele estivesse errado. Talvez nunca se deva tomar uma decisão por medo. Talvez o objetivo não deva ser pertencer a um grupo. Talvez Grace tenha entendido errado o jogo, e o objetivo não seja se manter segura e tentar permanecer nele. Talvez ela não esteja a fim de jogo algum.

— Oi! — cumprimenta Grace ao chegar à mesa do refeitório, com o coração acelerado. — Posso me sentar com vocês?

Erin inclina a cabeça de um jeito que faz Grace lembrar um gato ou um robô.

— Por quê? — pergunta Erin.

— Erin — adverte Rosina. — Lembra que não pode falar a primeira coisa que vem à cabeça?

— Mas quero saber por que ela quer se sentar com a gente — explica Erin, sem nenhum tom de maldade. — Ninguém nunca quer ficar com a gente.

— É verdade — completa Rosina. — Por que quer sentar com a gente, novata?

— Eu... er... hummm... Não sei? Acho que porque já vi vocês duas antes, e vocês parecem legais, e eu sou nova e não conheço ninguém e...

— Tudo bem — afirma Rosina. — Eu estava brincando. Claro que pode se juntar a nós.

— Não somos legais — adverte Erin.

— Fale por você — rebate Rosina. — Eu sou legal.

— Não, você não é.

— Eu sou legal com você.

— Mas só comigo.

— Bom, talvez eu queira ser legal com a novata também. Até agora ela me tratou bem, então estou considerando a possibilidade.

Erin dá de ombros.

— Sorte a sua. Esta é a melhor mesa do refeitório — comenta.

— Por quê? — indaga Grace enquanto se senta.

— Porque é a mais silenciosa — responde Erin. — E é a rota de fuga mais rápida para a biblioteca.

Grace nota que o almoço de Erin está em um recipiente de metal com três compartimentos. Nele, não há nada que um adolescente comeria no almoço, nenhum sanduíche ou batata frita, nada preparado. Erin percebe a curiosidade de Grace.

— É um bentô. É do Japão. Minha mãe comprou para mim porque não gosto de misturar a comida.

— Está de dieta? — pergunta Grace.

— Não por vontade própria.

— A mãe da Erin entope ela de folhas e gravetos para ela parar de se flagelar — comenta Rosina.

— Identifiquei na voz da Rosina um tom de sarcasmo. Mas o conteúdo da explicação dela está bem próximo da

verdade, exceto pelo fato de que isso aqui não são folhas e gravetos — acrescenta Erin.

— Entendi. Hora de mudar de assunto — comenta Rosina. — E você, novata, como se chama?

— Grace. A gente se encontrou ontem, lembra?

— Sim, lembro. Você mudou para a casa em que Lucy Moynihan morava. Merda! — exclama Rosina, fingindo se debater. — Prometi que nunca mais pronunciaria o nome dela.

— Por que não? — questiona Grace.

— Não quero contribuir com a obsessão doentia que a cidade tem por essa menina. Já se passou um verão inteiro, e as pessoas continuam falando dela. Ah, tenho mais o que fazer!

— Ela era sua amiga?

— Essa aqui é minha amiga — responde Rosina. — Essa garota careca que come comida de coelho.

Erin tira os olhos dos legumes picados.

— As pessoas não vão parar de falar dela enquanto se sentirem culpadas — opina Erin. — Elas não conseguem deixar isso de lado porque estão com peso na consciência.

— Observação astuta — comenta Rosina.

— Obrigada.

— De nada.

— O que exatamente aconteceu com Lucy? — pergunta Grace. — Ela disse que alguém a estuprou? Quem foi?

Nem Rosina nem Erin respondem. Cada uma mantém a boca ocupada com seu respectivo almoço.

— É verdade que aconteceu? — indaga Grace.

Rosina suspira.

— Acreditamos nela. A maioria das pessoas acreditou, mas nunca vai admitir. Provavelmente metade das meninas dessa escola já discutiu com algum desses idiotas. — Rosina

tira os olhos do sanduíche mordido. — Mas isso não importa.

— Por que não importa? É claro que importa — rebate Grace.

— Em qual planeta?

Grace não faz a menor ideia do que responder.

— Eu gostaria de falar sobre nudibrânquios agora — anuncia Erin, esfregando as mãos, ansiosa.

— Vá em frente — diz Rosina.

Grace olha para Rosina à procura de uma pista, mas a garota lasca uma mordida no sanduíche como se o termo fosse algo completamente normal para a conversa.

— Nudibrânquios são lesmas do mar — explica Erin. — É um nome inapropriado, porque na verdade eles são as criaturas mais bonitas e graciosas do mar. Essa palavra vem do latim e significa “pulmão nu”, porque os pulmões deles ficam do lado de fora do corpo, como penas. São gastrópodes, como os moluscos e os polvos. Gastrópodes significa “pé do estômago”.

— Gastrópodes — pronuncia Rosina, arrancando a casca do sanduíche. — Ótimo nome para uma banda.

Então Grace escuta um som familiar por perto, talvez uma risada, algo que ela se acostumou a ouvir nos últimos dias que passou em Adeline: do tipo de riso que tem um alvo, uma vítima. Garotas malvadas se preparando para agir.

— Cuidado! Não chega muito perto da mesa das loucas — comenta uma garota com a amiga, num sussurro dissimulado, quando as duas passam perto.

Imediatamente, Rosina mostra o dedo do meio.

— Vão se foder, aprendizes de gente! — resmunga, num tom calmo. — Não quero pegar a doença de vocês.

As garotas reviram os olhos e saem rindo, e Grace sente como se algo dentro dela se rompesse. É uma dor familiar,

somada ao medo de ter escolhido exatamente a mesa que não deveria.

— Líderes de torcida de merda! — completa Rosina. — Que tipinho mais nojento, não?

— Vou nessa — diz Erin, levantando-se, de repente, com uma expressão de dor, alternando levemente o peso do corpo sobre os pés. Ela guarda apressada as coisas na mochila.

— Até mais — diz Rosina enquanto Erin se vira e acelera pelo corredor.

— Espere — diz Grace. — Aonde ela vai?

— Provavelmente para a biblioteca.

— Por quê?

— Malditas líderes de torcida! — comenta Rosina, com uma expressão de raiva.

Grace, porém, não identifica se isso é uma resposta para sua pergunta ou um comentário genérico sobre o mundo. Seja como for, seu pressentimento não é nada bom.